

ESTUDOS E PESQUISAS EM SOCIOLINGÜÍSTICA NO CONTEXTO PLURILÍNGUE DO BRASIL

STUDIES AND RESEARCHES IN SOCIOLINGUISTICS IN THE BRAZILIAN MULTILINGUAL CONTEXT

Mônica Maria Guimarães Savedra¹

RESUMO: Neste estudo é apresentada e discutida a trajetória do GT de Sociolinguística da ANPOLL, desde sua origem em 1985 até o ano de 2010, quando comemora 25 anos de atuação. São identificadas as tendências norteadoras do Grupo, que na verdade caracterizam o desenvolvimento da sociolinguística em nosso país, reconhecidamente plurilíngue, através de sua diversidade étnica e cultural. Durante a descrição do percurso do Grupo, são pontuadas as fases mais significativas, representadas pelo trabalho dos membros e coordenadores do GT, sua produção acadêmica e científica e sua inserção nacional e internacional. Como proposta de continuidade são apontados alguns caminhos que emergem como relevantes no momento atual da pesquisa em sociolinguística em nosso país.

ABSTRACT: This study presents and discusses the history of Work Group of Sociolinguistics of ANPOLL, since its conception in 1985 until the year 2010, when it celebrates 25 years of operation. Also, the guiding trends of the Group are identified, which in fact characterize the development of sociolinguistics in our country, admittedly multilingual, through its ethnic and cultural diversity. During the description of the route of the Group, the most significant steps are mentioned represented by the work of members and coordinators of the WG, its academic and scientific production and its insertion in the national and international levels. As a proposal for continuity some ways that emerge as relevant at the moment of research in sociolinguistics in our country are pointed out.

Palavras-chave: Sociolinguística variacionista, Geolinguística, Dialectologia, Línguas em/de contato, Diversidade linguística

Keywords: Variationist studies, Geolinguistics, Dialectology, Languages in/of contact and Linguistic Diversity

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense (UFF) - Niterói, Rio de Janeiro. msavedra@uol.com.br



1 O RECONHECIMENTO DE UM BRASIL PLURILÍNGUE

Viver em região plurilíngue, multilíngue é sinônimo de riqueza cultural. Esta afirmação é sustentada pela Convenção sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais da UNESCO (20/10/2005) que vem lembrar o fato de que a diversidade linguística é um elemento fundamental da diversidade cultural e reafirma o papel fundamental da educação na proteção e na promoção das expressões culturais. O Relatório do Desenvolvimento Humano, lançado em Bruxelas em 2004, em um exame pioneiro das políticas de identidade em todo o mundo, assume que as liberdades culturais devem ser compreendidas como direitos humanos básicos e como necessidades para o desenvolvimento das sociedades, cada vez mais diversificadas, do século XXI.

Ao reconhecer que vivemos em um país plurilíngue, reconhecemos a riqueza linguística e cultural de nosso país, onde coexistem em torno de 200 idiomas falados atualmente, sendo 180 provenientes de comunidades indígenas e cerca de outros 30 praticados em comunidades de descendentes de imigrantes. Além do uso da língua brasileira de sinais em comunidades de pessoas surdas e diferentes variações linguísticas em comunidades remanescentes de quilombos.²

² Dados disponíveis na página do Ministério da Cultura (www.cultura.gov.br) e nos relatórios técnicos do Grupo de Trabalho sobre a Diversidade Linguística (GTDL), encarregado de apurar informações a respeito dos diferentes idiomas falados no país com o objetivo de criar um Livro de Registro das Línguas Brasileiras. A conclusão das atividades deste grupo está prevista para julho de 2010, também disponível na página do Ministério.

A pluralidade linguística do Brasil, reflexo de sua formação étnica, manifesta-se em diferentes situações de/em contato, identificadas entre línguas autóctonas, exóctonas (línguas dos colonizadores, da escravidão, da imigração ou alóctonas), na diversidade linguística de fronteira (fronteiras hispânicas e fronteira francófona), no contato com falares étnicos específicos como, por exemplo, falares ciganos e, ainda na aquisição formal de línguas estrangeiras. Neste contexto, faz-se relevante enfatizar a importância na definição de políticas públicas de intervenção para defesa deste patrimônio cultural nacional, expresso, dentre outros meios, pela sua diversidade linguística.

Em estudos anteriores, já tivemos a oportunidade de analisar com detalhes o percurso histórico das ações de política e planificação linguística havidas no Brasil até a promulgação da constituição de 1988, quando tivemos a oportunidade de apresentar e discutir as diferentes formas de defesa de um idioma nacional, bem como as ações de defesa da diversidade linguística, provocada pelas diferentes situações de contato aqui identificadas. (SAVEDRA, 2007; SAVEDRA, 2008 e SAVEDRA et.al., 2008)

Num breve panorama a seguir, podemos retomar alguns pontos dignos de destaque.

No Brasil Colônia, destacamos as seguintes ações: a separação cautelosa dos grupos étnicos africanos; a Carta Régia de 1727, determinando o ensino do português aos índios; a instrução dada pelo governador do Grão-Pará para que a língua portuguesa fosse privilegiada na aldeia de Santa Ana; o Alvará e Carta Régia de 1759, expulsando os jesuítas e o Diretório dos Índios do Brasil.

Das ações identificadas no Brasil Império, destacamos duas, ambas havidas em 1824, que contribuíram de forma efetivamente para a definição da forte tendência em defesa da hegemonia da língua portuguesa no território nacional. São elas: a promulgação da primeira Constituição do Brasil, que não cita as populações indígenas e suas línguas e o programa de imigração para o sul do país, através do qual milhares de imigrantes chegaram ao país, sem que houvesse um planejamento, por parte do governo, de condições sociais e linguísticas para acolhê-los, deixando-os a sua sorte.

No Brasil República o tom das ações não se altera, o que pode ser comprovado pela política forçada de assimilação linguístico-cultural da língua portuguesa, posta em prática pela política de nacionalização do Estado de Vargas. Como consequência desta política, citamos ações reducionistas que

muito contribuíram para o não reconhecimento do Brasil como um país plurilíngue: a) a proibição do uso da língua dos imigrantes; b) o fechamento de escolas bilíngues; c) a atitude ditatorial que resultou na tortura e prisão de imigrantes que usassem qualquer língua alóctone.

Somente a partir da promulgação da Constituição de 1988, identificamos a primeira ação para o reconhecimento da pluralidade linguística no Brasil, quando, embora a língua portuguesa tenha sido declarada o idioma oficial do Brasil, é garantido aos índios o direito ao uso de suas línguas tanto em contextos escolares quanto fora deles.

Entretanto, o reconhecimento e a defesa da pluralidade linguística nacional apenas torna-se uma questão governamental, a partir de fortes ações de intervenções acadêmicas, respaldadas por fóruns de instituições de associações nacionais, como a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN)³ e a Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB)⁴, que elaboram documentos, propondo planos emergenciais de ações, bem como por ações de intervenção propostas por organizações não governamentais, como as desenvolvidas pelo IPOL (Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística).⁵

Como ações governamentais, em defesa da pluralidade linguística nacional destacamos: a) a promoção da língua portuguesa, como explicitada em alguns projetos e programas, com destaque para o Programa de Qualificação de Docente e Ensino de Língua Portuguesa no Timor-Leste (2005) e na lei nº 11.310, de 12 de junho de 2006, que institui o Dia Nacional da Língua Portuguesa a ser celebrado anualmente no dia 5 de novembro, em todo o território nacional; b) a defesa das línguas autóctones, normatizada pela Lei de Diretrizes e Bases (1996), pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena (1999) e pelo Plano Nacional de Educação (2001); c) o ensino de línguas estrangeiras, regulado pela Lei de Diretrizes e Bases (1996) e pela Lei nº 11.161 de 5 de agosto de 2005, que regula o ensino da língua espanhola, que deve ser gradativamente implementado nos , com previsão de término de implementação para 2010; d) o reconhecimento da pluralidade linguística, regulado pela Lei nº 145 de 11 de dezembro de 2002,

³ Os debates promovidos pela ABRALIN foram publicados por Scliar-Cabral 1999:15-16.

⁴ Os documentos síntese do I e II Encontro Nacional sobre Política de Línguas Estrangeiras, que foram realizados na UFSC em 1996 e na UCPEL em 2000 estão disponíveis no site da Associação: www.alab.gov.br.

⁵ As pesquisas desenvolvidas pelo IPOL estão no site do Instituto: www.ipol.org.br.

quando três línguas indígenas (Nheengatu, Tukano e Baniwa) ganham a condição de idiomas oficiais no município de São Gabriel da Cachoeira/AM e a inauguração das primeiras escolas públicas bilíngues português-espanhol no sul do país, em março de 2005 e, finalmente a Criação do livro de registro das línguas, através da Portaria nº. 586, de 11 de dezembro de 2006, publicada em Boletim Administrativo Eletrônico do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN nº. 330 - Edição Extra, de 09/02/2007 .⁶

Como pode ser observado, as ações acima descritas em defesa da pluralidade linguística do Brasil, defendem não só o reconhecimento das minorias etnolinguísticas, como também promovem a difusão da Língua Portuguesa no mundo, numa postura que vem de encontro aquela defendida pela Convenção sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais da UNESCO, já citada anteriormente. Ganha assim a Língua Portuguesa e todas as línguas do Brasil o status de *Patrimônio Cultural, de natureza Imaterial*, usando a expressão defendida pelo Ministério da Cultura no Programa do Livro de Registro das Línguas do Brasil.

Na verdade, o GT de Sociolinguística da ANPOLL é o grande protagonista da defesa da Pluralidade Linguística Nacional, o que pode ser comprovado pela sua história, a partir de sua origem e do desenvolvimento das pesquisas ao longo destes 25 anos de atuação.

2 O PAPEL DO GT DE SOCIOLINGUÍSTICA NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUÍSTICA NACIONAL

No ano de 2010, o GT de Sociolinguística comemora junto com a ANPOLL suas “bodas de prata”. Nos seus 25 anos de existência, o GT de Sociolinguística comprova o papel fundamental de representar o desenvolvimento da pesquisa em sociolinguística no Brasil.

⁶ Para elaboração deste livro, estão envolvidos os seguintes órgãos: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan/MinC), Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/MEC; Museu Emílio Goeldi / MCT; Museu do Índio /Funai/MJ; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) /MPOG; Fundação Cultural Palmares / MinC; Laboratório de Línguas da Universidade de Brasília (UnB); Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados; Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural; Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL), Unesco/ONU.

Durante o I Encontro Nacional da ANPOLL realizado de 11 a 13 de dezembro de 1985 em Curitiba, são criados os 21 primeiros GTs da Associação. Dentre eles já figura o GT de Sociolinguística, na época GT de Sociolinguística e Bilinguismo. São escolhidos como coordenadores pela comunidade acadêmica, Jürgen Heye (PUC-RJ) e Sebastião Votre (UFRJ) para a Sociolinguística e Paulino Vandresen (UFSC) para o Bilinguismo, que, seguindo os estatutos definidos pela então criada ANPOLL, iniciam um levantamento de pesquisadores, projetos e produção acadêmica da área.

Como resultado deste levantamento inicial, fica clara a necessidade do GT em albergar, além dos estudos em bilinguismo, os estudos realizados em dialetologia e variação e mudança linguística, o que deu origem ao tema do GT para o II Encontro da ANPOLL, realizado em 1987: *Rumos da Sociolinguística no Brasil*, quando fica definido o primeiro perfil do grupo, com base nas apresentações e discussões sobre as principais tendências metodológicas e projetos em desenvolvimento, identificados pelo levantamento proposto.

Vandresen (2003:13-29) nos apresenta com uma ímpar descrição das principais atividades do GT desde 1985 até o ano de 2001, possibilitada pela publicação do primeiro livro do GT, que reflete o crescimento qualitativo e quantitativo da nossa área. (RONCARATI & ABRAÇADO, 2003).

Com a intenção de complementar a valiosa contribuição desta publicação, partimos da seleção de algumas ações descritas por Vandresen no período coberto por sua minuciosa descrição, para então apresentar o atual momento de nosso GT. Procuramos identificar as principais ações que delimitam tendências teóricas e metodológicas, que pontuam o desenvolvimento da sociolinguística no Brasil.

Decidimos não apontar as gestões pelo nome de seus coordenadores, mas sim pelas ações que comprovam o desenvolvimento das atividades e produtos realizados pelo grupo, mesmo porque, muitas delas extrapolam o período de um biênio, período considerado para cada gestão.⁷ As ações selecionadas são apresentadas a seguir, em ordem cronológica.

- No período de **1988 a 1990**, destacam-se a consolidação dos grupos na perspectiva variacionista laboviana, como o projeto censo da UFRJ; o projeto na área de difusão lexical, desenvolvido na UFMG,

⁷ A lista dos coordenadores do GT, por biênio, encontra-se no anexo deste capítulo.

o projeto NURC (Norma Urbana Culta) da UFRJ, projetos de variação e mudança na área de sintaxe, na perspectiva paramétrica, desenvolvidos na UNICAMP, os projetos inter-institucionais da região Sul – ALERS (Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul) e VARSUL (Variação Linguística Urbana da Região Sul) e Estudos do Bilinguismo (Português e línguas minoritárias). Além destes grupos, identifica-se na UnB projetos de pesquisa desenvolvidos em cursos de pós-graduação na área de etnografia e sociolinguística interacional. Também é destaque neste período a publicação em 1989 da coletânea organizada por Fernando Tarallo, intitulada e *Fotografias Sociolinguísticas* (TARALLO, 1989), onde são contempladas as subáreas delimitadas no GT de Sociolinguística. A mesa organizada para o Encontro de Recife em 1990 resume o tema central do grupo neste período: A diversidade e heterogeneidade linguística, estudada sob diferentes enfoques: *Multilinguismo e línguas (e dialetos) em contato, etnografia da fala/interacional, dialectologia, sociolinguística laboviana e paramétrica e mudança linguística*. Ainda em 1990 merece destaque a introdução de Boletins informativos periódicos para divulgar notícias do GT e publicações de seus membros.

- Em **1992**, a ANPOLL inicia uma grande discussão sobre a natureza, a constituição e da delimitação dos seus GTs e, o nosso GT assume esta preocupação com a seguinte questão central: *Quais são as subáreas que a denominação sociolinguística engloba e como estas se articulam entre si e com as demais áreas da linguística e das ciências afins?* Para responder a questão, o GT propõe para o então VII encontro Nacional da ANPOLL mesas que refletem esta preocupação, ao lado de mesas inter GTs, com a participação de representantes dos GTs de línguas indígenas, linguística aplicada e linguagem e surdez.
- Em **1993** é realizado na UFBA o Encontro Nacional específico sobre a diversidade linguística e o ensino de língua materna, que tem os resultados publicados em 1996 pela UFBA com o título de *A diversidade linguística e o ensino de língua materna*.
- Neste momento, o GT apresenta e discute os resultados dos projetos ALERS, VARSUL, NURC, PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua).
- Em **1994** o GT identifica alguns tópicos complementares estudados em diferentes regiões do país e sob vários enfoques (vogais pretônicas no português do Brasil; atitudes linguísticas; o papel motivador da

sociolinguística na pesquisa lexical; estratégias para interface com a escola). Também neste ano, ocorre a realização das mesas inter GTs com os GTs de Literatura popular e Teoria da gramática. Ainda neste ano realiza-se mais um levantamento de sócios ativos e seus projetos, que é publicado no Boletim 12 do GT .

- Em **1995**, para comemorar 10 anos da ANPOLL e do GT de Sociolinguística, a então coordenadora do GT, Silvia Brandão (UFRJ) faz um levantamento histórico do GT, que é publicado na *Revista da ANPOLL* (BRANDÃO 1995:95-102). Ainda neste ano é realizado na UFRJ o *Simpósio nacional sobre pesquisa e ensino de língua: contribuições da sociolinguística*, quando são discutidos os seguintes temas: pesquisa e ensino: modelos de análise em debate; pesquisa e política de ensino; pesquisa e ensino: a diversidade linguística brasileira, com a contribuição do GT de Linguística aplicada. O resultado deste encontro é publicado em **1996** nos Anais do II Simpósio Nacional do GT com o título *Pesquisa e ensino de línguas: contribuições da sociolinguística*. Também neste ano, durante a realização do XI Encontro Nacional da ANPOLL, são realizadas mesas inter GTs e, nosso GT discute com o GT de Teoria da gramática o conceito de mudança linguística, quando são apresentadas as noções gerativista, variacionista e funcionalista sobre o tema. Também é realizada uma atividade inter-GT com o GT de Linguística Aplicada. Ainda neste encontro são apresentadas publicações decorrentes de encontros intermediários do GT e coletâneas: *Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro* e *Variação e discurso*. Neste ano ainda é organizado um número temático da *Revista Fragmenta da UFPR*, dedicado à Sociolinguística.
- No período de **1996 a 1998**, o tema central de investigação do GT é: *Diversidade linguística no Brasil, representada pelo multilinguismo e pelas dimensões temporal (história da língua ou diacronia), geográfica (dialectológica ou geolinguística), social e situacional do Português (variação, atitudes, dialetos sociais e registros)*. Neste período é realizada uma atualização dos sócios do GT, com a tentativa de relacioná-los a seus projetos de pesquisa: um *Cadastro de pesquisadores, pesquisas e produtos*. Também foi dada continuidade aos Encontros intermediários do GT e o terceiro encontro do GT tratou do tema *Os avanços nas pesquisas sobre variação no Português*. Os temas das quatro mesas redondas do encontro, apresentam uma fotografia do GT na época:

Os sociolinguistas na alfabetização: sensibilização e/ou intervenção?; Morfo-sintaxe do português do Brasil: variação histórica do português: Áreas dialetais do Brasil, a partir das realizações das oclusivas /t/, /d/ e de /s/ implosivo.

- No XIII Encontro Nacional da ANPOLL realizado em Campinas em **1998** o GT apresenta três mesas temáticas e uma mesa inter-GT. As mesas temáticas abordam a questão das *áreas dialetais do Brasil; o lócus da variação e da mudança linguística e a mudança em tempo aparente e em tempo real*. A mesa inter-GT intitulada *Multilinguismo no Brasil*, foi realizada em conjunto com o GT de Linguística aplicada e com o GT de Línguas indígenas. Também merece destaque nesta época, as publicações do número temático sobre *Variação linguística* da revista GRAPHOS da UFPB; da coletânea *Diversidade Linguística no Brasil* e da segunda Coletânea *Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Vale ainda ressaltar, que a terceira coletânea é organizada com a tradução de textos clássicos na área de Sociolinguística interacional.
- No período de **1998-2000**, são definidas três vertentes principais que tornam-se as subáreas do GT e que vigoram até 2008, a saber: *dialetologia, sociolinguística variacionaísta e multilinguismo*. Neste período as mesas inter-GT que participam das discussões do Grupo são: Descrição do português, Teoria da gramática, Linguística do texto e Análise da conversação. Neste período também são introduzidos os informes via e-mail no Grupo e, muitas das ações do Grupo passam a ser organizadas por esta via de comunicação.
- No período **de 2000 a 2004**, o GT de Sociolinguística é consolidado nas três subáreas definidas, que passam a representar os estudos e pesquisas realizados, orientados e publicados no âmbito do Grupo. A partir de **2006**, são retomados como uma vertente do GT, os estudos em Sociolinguística e ensino.
- Algumas publicações merecem a destaque, a partir do início do século XXI. O Português Brasileiro, que passa a ser reconhecido como o livro do GT. O livro é organizado por Roncarati e Abraçado e já foi publicado em duas versões: O Português Brasileiro I (2003) e O Português BrasileiroII (2009); o livro digital organizado por Ramos (2006) que apresenta estudos nas quatro vertentes do GT e a publicação dos trabalhos apresentados *I Encontro Internacional do GT*, realizado na PUC-RJ em 2007 (SAVEDRA & SALGADO, 2009). Além das publicações que apontam as pesquisas do GT em todas as suas

vertentes, outras também são organizadas para expor resultados de pesquisas realizadas em determinadas vertentes do Grupo, tais como as *Coletâneas sobre variação fonológica da UFPB*, os trabalhos sobre *Variação e Mudança no português falado da Região Sul*, resultantes dos projetos VARSUL, ALERS, os resultados de *projetos de Atlas Linguísticos*, como ALERS (Região Sul), APERJ, ALiB, entre outros e projetos específicos de uso da língua como o VARSUL, o PEUL NURC, VALPB, LUAL, PROPHOR (Programa para a História da Língua Portuguesa), o Projeto da Gramática do Português Falado, números temáticos sobre línguas em contato como os organizados pela revista Gragoatá da UFF (2001), e pela revista Palavra da PUC-RJ (2003). Também apontam os resultados das pesquisas do GT, algumas publicações organizadas em homenagem a membros fundadores do Grupo, como a organizada por Gorski e Coelho em 2006, em homenagem a Paulino Vandresen; a organizada por Votre e Roncarati em 2008 em homenagem a Anthony Julius Naro e a organizada por Savedra e Salgado em 2009 em homenagem a Jürgen Heye.

Este breve resgate histórico mostra o desenvolvimento do GT e pontua sua importância na fotografia da sociolinguística brasileira. Também evidencia o diálogo que o GT de Sociolinguística sempre manteve com outros GTs da ANPOLL, em especial com os GTs de Linguística aplicada, de Teoria e descrição do português e o de Línguas indígenas.

Na última reunião nacional da ANPOLL, realizada em 2008 em Goiânia, o GT decidiu inserir discussões teóricas e metodológicas no âmbito da análise de dados em sociolinguística e, ao invés de focar as pesquisas somente nas vertentes anteriores, decide discutir as pesquisas, a partir de novos eixos:

- Princípios universais
- Interfaces teóricas
- Novas metodologias
- Adequação de modelos para a área
- Investigar a política de expansão da LP na Europa, África e Américas: inserção na AILP (Associação Internacional da Língua Portuguesa)
- Constituir novos corpora em diferentes regiões do Brasil
- Elaborar mapeamento sociolinguístico de diferentes regiões do Brasil: inserção do GT na questão do livro das línguas do Brasil: línguas autóctones e alóctones

Estes serão os temas abordados pelo GT de Sociolinguística durante a reunião nacional da ANPOLL de 2010.

3 O PANORAMA ATUAL DA PESQUISA EM SOCIOLINGÜÍSTICA NO BRASIL

A história da criação e do desenvolvimento do GT aponta para um número expressivo de sócios, que desenvolvem suas pesquisas prioritariamente nas vertentes delimitadas pelo Grupo. Assim, para apresentar e discutir o panorama atual da pesquisa em sociolinguística no Brasil, optamos pela consulta a base de dados do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, gerenciado pelo CNPq, através da busca por palavras-chaves.

O Diretório, projeto desenvolvida pelo CNPq, é considerado uma base segura de informações sobre as pesquisas desenvolvidas no Brasil. Mantém uma base de dados, atualizada diariamente, que permite a consulta, com dados retirados de sua base corrente bi-anualmente. A consulta foi feita na base corrente atual, através da busca de grupos por palavras-chaves, selecionadas com base nas vertentes do GT.

Inicialmente, identificamos os grupos de pesquisa que possuem em sua descrição e/ou na descrição de suas linhas a palavra chave **sociolinguística**. A seguir, delimitamos três VERTENTES. A VERTENTE 1 representa a busca pelas palavras-chave **sociolinguística variacionista, variação e variação e história**; a VERTENTE 2, a busca pelas palavras-chave **geolinguística, dialetologia e Atlas linguístico** e a VERTENTE 3, a busca pelas palavras-chave **línguas em/de contato, multilinguismo, bilinguismo e política linguística**. Não encontramos registros de grupos com a busca pelas palavras-chave **sociolinguística e ensino**. Mas ressaltamos que na busca pela palavra-chave **sociolinguística** e ainda na busca pelas palavras-chave das três vertentes delimitadas, identificamos grupos nesta área. Além destas três vertentes, ainda procedemos a busca pela palavra-chave **diversidade linguística** em separado, uma vez que não conseguimos enquadrá-la em apenas uma das vertentes delimitadas.

Foram identificados **68** grupos de pesquisa pela busca com a palavra-chave **sociolinguística**; **95** grupos pela busca com a palavras-chave da VERTENTE 1, **11** grupos pela busca com as palavras-chave da VERTENTE 2 e **52** grupos pela busca com a palavras-chave da VERTENTE 3. Com a busca pela a palavra-chave **diversidade linguística** foram identificados **13** grupos.

O resultado encontrado com a busca das palavras-chave da VERTENTE 1 (95 grupos), já mostra que nem todos os grupos de pesquisa enquadrados nesta vertente, utilizam a palavra **sociolinguística** em sua descrição e/ou na descrição de suas linhas. Dos 95 grupos aí identificados, apenas

39 correspondem aos grupos identificados na busca pela palavra-chave **sociolinguística**. Com relação aos grupos identificados nas VERTENTE 2 e 3, apenas os grupos da VERTENTE 2 foram todos identificados na busca pela palavra-chave **sociolinguística**. Nos grupos da VERTENTE 3, apenas 15 dos 52 grupos identificados foram também identificados na busca pela palavra-chave **sociolinguística**. E, dos 13 grupos identificados pela busca com a palavra-chave **diversidade linguística**, somente 6 foram identificados na busca pela palavra-chave **sociolinguística**.

Esta primeira análise sugere que a VERTENTE 2 é a única vertente do GT que utiliza na descrição de todos os grupos a palavra-chave **sociolinguística**. Ainda na análise geral, constatamos que 25 dos grupos identificados pelo uso da palavra-chave **sociolinguística** não foram identificados na busca pelas palavras-chave das três VERTENTES e ainda na busca pela palavra-chave **diversidade linguística**.

Procedendo com a análise dos grupos de pesquisa no âmbito das vertentes delimitadas, também identificamos que muitos grupos aparecem em mais de uma vertente. Se tomarmos os 11 grupos da vertente 2 para análise, verificamos que todos estão inseridos na VERTENTE 1 e 9 estão na VERTENTE 3. Os únicos dois grupos da VERTENTE 2 que não aparecem na VERTENTE 3 são o *Grupo de Pesquisa em Dialectologia e Geolinguística* da USP e o grupo que desenvolve o *Programa de Estudo da Diversidade Linguística no Brasil (DIVERSITAS)* da UFBA. Entretanto, o *Programa de Estudo da Diversidade Linguística no Brasil (DIVERSITAS)* também aparece na busca com a palavra-chave **diversidade linguística**.

Ao analisar os 95 grupos identificados na VERTENTE 1, constatamos que além dos 11 já identificados também na VERTENTE 2, 10 grupos também aparecem na busca das palavras-chave da VERTENTE 3. E, além destes que aparecem na busca pelas outras duas vertentes, 6 aparecem na busca pela palavra-chave **diversidade linguística**. Com esta análise concluímos que a palavra-chave **diversidade linguística** está melhor representada pela VERTENTE 1 do GT. Com isto fica reforçada a idéia lançada no início deste trabalho de que a diversidade linguística do Brasil sempre foi tema do nosso GT. Os demais grupos que não aparecem em nenhuma das buscas citadas, sugerem estudos nos seguintes temas: a) história e descrição da língua, tanto em perspectiva diacrônica, como sincrônica, como também em comparação com estudos literários; b) linguagem, ensino e identidade; c) gramáticas contrastivas. Todos estes temas são identificados no desenvolvimento das pesquisas do GT, como demonstrado pela sua origem e história já descritas anteriormente.

Ao analisar os 52 grupos identificados na VERTENTE 3, constatamos que aqueles que não foram também identificados na busca pelas palavras-chave das demais VERTENTES, ou na busca pelas palavras-chave **sociolinguística** e **diversidade linguística**, sugerem pesquisas nos seguintes temas: a) língua e literatura de imigração; b) línguas e literaturas estrangeiras; c) linguística aplicada, em especial com a busca pela palavra-chave política linguística; d) língua, cultura e identidade. Aqui também reconhecemos alguns temas que já estão inseridos na história das pesquisas do GT, ou na história das discussões e interfaces do GT com outros GTs. Entretanto, a temática sobre língua, cultura e identidade parece sugerir uma nova vertente de pesquisas.

Com a análise dos 13 grupos que foram identificados com a palavra-chave **Sociolinguística** e que não foram identificados na busca pelas palavras-chaves das VERTENTES 1, 2 e 3 ou ainda pela busca da palavra-chave **diversidade linguística**, constatamos que os mesmos se referem a pesquisas em sociolinguística e ensino, incluindo nesta temática algumas pesquisas em formação do professor de letras, ensino de leitura e escrita e ainda sobre o livro didático. Ainda na temática de ensino, identificamos alguns que tratam do ensino de línguas estrangeiras. Um outro tema identificado foi Linguagem e direito e Linguagem e representações sociais.

Com base nesses resultados, questionamos como pode ser definido o panorama atual das pesquisas em sociolinguística no Brasil.

Para responder a esta pergunta, vamos retomar a história de criação do GT e ao desenvolvimento de suas pesquisas ao longo destes 25 anos.

Com a busca pelas palavras-chaves no Diretório de Pesquisas do Brasil, fica evidente que as quatro vertentes que representam as pesquisas do GT nos últimos anos (*dialectologia, sociolinguística variacionista, multilinguismo e sociolinguística e ensino*), continuam ativas, ou seja, continuam produzindo pesquisa e resultados na área de sociolinguística. Representam, portanto, a pesquisa desenvolvida atualmente em sociolinguística no país.

Entretanto, os resultados aqui apresentados sugerem que a área de sociolinguística também começa a albergar estudos sobre língua e cultura e estudos contrastivos da língua portuguesa com outras línguas estrangeiras e com a língua de sinais brasileira (LIBRAS), reconhecida desde 2005 como língua oficial no Brasil. Este parece ser um ponto importante a ser debatido durante o próximo ENANPOLL. Ainda com base nos resultados apresentados, podemos afirmar que os estudos sobre diversidade linguística, em especial o Projeto do Livro das Línguas do Brasil é tema do nosso GT, por

excelência, e muito do que já foi desenvolvido no nosso GT e muito do que ainda está sendo desenvolvido deve ser considerado no Projeto do Ministério da Cultura.

Por fim, gostaríamos de enfatizar a importância do GT no âmbito da pesquisa no Brasil. Desde sua criação, o GT de Sociolinguística comprova com suas pesquisas e produtos a relevância da área nos estudos e pesquisas em Língua e Literatura em nosso país, sendo para tal, um representante em potencial da excelência em Ciência, Tecnologia e Inovação.

ANEXO: Lista dos coordenadores do GT de Sociolinguística

1985-1988	Sebastião Votre (UFRJ) e Jürgen Heye (PUC-RJ)
1988-1990	Giselle Maschline de Oliveira e Silva (UFRJ)
1990-1992	Stella Marins Bortoni (UnB)
1992-1994	Suzana Alice Marcelino Cardoso (UFBA)
1994-1996	Sílvia Figueiredo Brandão (UFRJ) e Mara Thereza I. de Oliveira (UFRJ)
1996-1998	Odete Pereira da Silva Menon (UFPR) e Paulino Vandressen (UFSC)
1998-2000	Dermeval da Hora (UFPB) e Maria Eugênia Lamoglia Duarte (UFRJ)
2000-2002	Cláudia Nívea Roncarati de Souza (UFF) e Maria Jussara Abraçado de Almeida (UFF)
2002-2004	Dermeval da Hora (UFPB)
2004-2006	Jânia Martins Ramos (UFMG) e Dermeval da Hora (UFPB)
2006-2008	Mônica Maria G. Savedra (UFF) e Jürgen Heye (PUC-RJ)
2008-2010	Mônica Maria G. Savedra (UFF) e Vanda Menezes (UFF)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, S.F. GT de Sociolinguística. *Revista da ANPOLL 1*, 1995: 95-102.

RAMOS, J.m (ORG.) *Estudos Sociolinguísticos: os quatro vértices do GT da ANPOLL*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2006.

RONCARATI, C. & ABRAÇADO, J. Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003: 13-29.

SAVEDRA, M.M.G. Línguas de/em contato: uma trajetória de planificação e política linguística no Brasil, *Caderno de resumos do V Congresso Internacional da ABRALIN*, 2007:804.

_____. Línguas majoritárias e minoritárias no MERCOSUL: a questão de línguas oficiais, línguas de trabalho e línguas de ensino. In HORA, D. & LUCENA, R.M. *Política lingüística na America Latina*. Jaó Pessoa: Idéia Editora, 2008:115-126

SAVEDRA et.al., (2008) Plurilinguismo e Contatos Linguísticos- Ações da PUC-Rio. *Anais do 1º Fórum Internacional da Diversidade Linguística: por uma política para a diversidade linguística no ensino de línguas*, 2008: 786-783

SAVEDRA, M.M.G. & SALGADO, A.C.P. *Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato*. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

SCLIAR-CABRAL, L. Definição da Política Linguística no Brasil. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*. n.23, 1999:07-17.

VANDRESEN, P. A trajetória do GT de Sociolinguística da ANPOLL – 1985-2001. In RONCARATI, C. & ABRAÇADO, J. *Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003: 13-29